

Recessão e inflação

YOSHIAKI NAKANO*

1. A justificativa dada pelos economistas neoclássicos à política monetarista de controle da inflação é de que a redução na demanda tenderia a reduzir os preços. Esta afirmativa está exposta em qualquer livro-texto tradicional de economia e acaba sendo aceita pela maioria como uma verdade óbvia. No entanto, nada está mais longe da realidade do que a tradicional teoria neoclássica de preços. Constitue, na realidade, uma justificativa ideológica muito importante e por esta razão esta teria devera continuar nos livros-texto tradicionais por muito tempo. Nesta nota pretendo mostrar que a atual política econômica monetarista ao tentar controlar a inflação através de uma recessão acaba acelerando-a, particularmente, nos setores oligopolizados da economia.

Analisando-se os índices de preços coletados pela Fundação Getúlio Vargas verificamos que os setores oligopolizados da economia brasileira têm apresentado uma aceleração na inflação exatamente no período em que a demanda sofreu uma retração mais acentuada. A taxa anualizada de inflação verificada no trimestre Maio/Junho/Julho-81 nos setores oligopolizados foi extremamente elevada como reflexo da política monetarista. Nos setores oligopolizados como em Bebidas, esta taxa chegou a 343,5%; Fumo 301,0%; Material Elétrico 224,7%; Material de Transporte 162,9% etc. Enquanto isso, os setores mais competitivos da indústria e os setores agrícolas e produtores de matérias-primas apresentavam taxas bem menores: Madeira 11,32%; Metalúrgica 35,04%; Tecidos, Vestuário e Calçados 57,91%; Produtos Alimentares 64,32%; Produtos Agrícolas 40,38% etc.

Assim, a desaceleração ocorrida nos últimos meses no Índice Geral de Preços foi devida a queda na taxa de elevação de preços dos produtos agrícolas, matérias-primas e no setores mais competitivos da indústria. Apesar do nível

* Professor da EAESP/FGV.

de produção ter caído 9,6% na indústria de transformação no período janeiro/novembro/81, comparado ao mesmo período de 1980, o índice médio de preços por atacado deste setor apresentou uma queda reduzida (100,3% em 1981 comparado a 109,0% em 1980). Em outras palavras, os resultados obtidos pela política monetarista implementada a partir do segundo semestre de 1980 são diminutos e poderão ser efêmeros. Basta que os preços dos produtos agrícolas, que aumentaram apenas 70,% em 1981, se ajustem ao mesmo nível dos preços industriais para que o índice de inflação volte praticamente aos mesmos níveis de um ano atrás.

2. Para entendermos a inflação nada mais óbvio do que concentrarmos a nossa atenção no mecanismo de formação de preços. Entretanto, a teoria econômica tradicional exposta nos livro-texto não esclarece em nada, pois não é a atividade de troca de indivíduos abstratos (“produtores”) que determina os preços. Ao contrário, na economia capitalista moderna predominam grandes empresas, multidivisionais e monopolistas e esta característica institucional tem que ser incorporada numa teoria de preços. Estas empresas constituem unidades de capital com uma complexa estrutura administrativa. São, na verdade, agentes sociais voltados a valorização do capital e em função deste processo é que os preços são determinados. Além disso, o processo de concentração inerente ao sistema capitalista acaba permitindo a criação de barreiras à mobilidade de capital, cada uma com determinado grau de monopólio, isto é, possibilidade de obter taxas de lucros monopolistas. Em outras palavras, na maioria dos setores industriais são os grandes oligopólios que predominam e administram os seus preços no mercado independentemente das condições de oferta e demanda.

Nestas condições, não é difícil de entender por que os preços dos setores oligopolizados apresentam um comportamento que contraria o dogma neoclássico aceito como verdade óbvia de que uma redução na demanda provoca uma redução nos preços. Na prática, cada empresa oligopolista tem a sua taxa de lucro planejada, determinada pelo seu grau de monopólio, e para alcançá-la fixa uma margem de lucro que acrescentando aos custos diretos permitiria chegar a um preço capaz de cobrir os demais custos além do lucro planejado. Uma vez calculada esta margem de lucro ela tende a ser relativamente constante. Em condições normais, os preços são determinados acrescentando-se esta margem fixa sobre os custos diretos e por isso tendem a ser insensíveis a variações na demanda. Entretanto qualquer variação nos custos diretos tende a ser repassada nos preços.

No entanto, quando a demanda cai drasticamente como ocorreu no primeiro semestre de 1981 os custos fixos unitários aumentam e se a margem de lucro não for aumentada o lucro será corroído por este aumento nos custos. Em outras palavras, as empresas oligopolistas por terem controle sobre o mercado procuram

recuperar as perdas sofridas devido a queda nas vendas através de uma elevação nas margens de lucros. Com o aumento nas margens de lucros para as vendas remanescentes elas tentam assegurar a manutenção da taxa de lucro planejada. É exatamente o que ocorreu na atual recessão. Com a aplicação de medidas monetárias extremamente restritivas a partir do segundo semestre de 1980 a economia brasileira entra num processo recessivo. Com isso os setores oligopolizados elevam as suas margens de lucros provocando uma típica inflação de lucros. E foi exatamente no trimestre Maio/Julho o período em que estas empresas fizeram os maiores reajustes nos níveis de produção despedindo trabalhadores em massa que as margens de lucros sofreram maiores elevações como se pode verificar no quadro anexo. Uma vez elevadas as margens de lucro se não houver quedas na demanda não haveria razões para os oligopolios acelerarem as remarcações de preços. Isto explica por que nos meses subsequentes, quando a demanda cai menos rapidamente, a aceleração de preços também foi menor.

3. Ao lado destes setores concentrados e oligopolizados existe também um segmento da economia composto do setor agrícola, setor produtor de matérias-primas e alguns ramos competitivos da indústria onde o mecanismo de formação de preços é bastante diferente do setor oligopolizado. Nestes setores existe livre mobilidade de capital e com isto as empresas não têm o poder de administrar os preços. A competição intercapitalista torna os preços relativamente flexíveis e nestas condições quando existe uma queda na demanda reagem reduzindo os seus preços para poderem honrar os seus compromissos financeiros. É exatamente o que pode ser observado no quadro anexo, onde nitidamente verificamos que estes setores desaceleram os seus preços no momento em que a demanda sofreu uma queda acentuada no passado. Mas esta desaceleração tem um limite, pois no momento em que os preços deixam de cobrir os custos diretos todas as empresas preferem parar as suas máquinas. Assim uma vez atingido este nível de preços em que a margem de lucro é nula, mesmo as empresas competitivas começam a repassar as elevações de custos diretos nos seus preços. Neste momento a política recessiva deixa também de atuar na forma antiinflacionária sobre estes setores. Como pode ser observado no quadro anexo.

Desta forma, o que ocorrerá com a inflação acaba dependendo do peso relativo destes dois segmentos competitivos e oligopolizados na economia. Se o peso relativo dos setores concentrados for muito grande a recessão tende a realimentar a inflação compensando as quedas verificadas nos setores competitivos.

4. Evidentemente, este processo de realimentação inflacionária tem limites. Resta saber quais são estes limites e quando eles começam a atuar. Estes limites dependem do grau de concentração econômica, isto é, da capacidade das empresas de estabelecerem obstáculos à competição tais como: impor barreiras à entrada de novas empresas no setor, diferenciação do produto, controle de tecno-

logia, canais de distribuição, etc. Quanto maior for este grau de monopólio mais longa deverá ser a recessão para que os oligopólios deixem de responder perversamente. Há um momento, no entanto, em que esta política de elevação de preços deixa de compensar as quedas nas vendas e todas as empresas trabalham no vermelho. Isto ocorre quando a recessão se transforma numa depressão tão prolongada que desestrutura toda economia, provocando quebras generalizadas de empresas. Os preços (relativamente aos salários) estão também tão elevados que a demanda se torna extremamente sensível a novas elevações. Neste momento, o nível de desemprego é tão grande que os salários já sofreram uma grande redução e com isso a inflação começa a ceder. Assim, a política monetarista não deixa de ter sua eficácia, mas é através do aumento de desemprego a redução dos salários reais que a inflação começa a ceder.

Entretanto, devemos observar que a efetiva redução na taxa de inflação ocorre particularmente na fase seguinte quando a demanda começa a ser reativada pelo próprio governo devido às violentas pressões sociais. Com isso as vendas começam a aumentar, reduzindo-se assim os custos fixos, permitindo mesmo a redução nas margens de lucro.

A análise acima mostra claramente que quem está pagando os custos da política recessiva adotada pelo governo são os setores competitivos e os trabalhadores que perderam os seus empregos e tiveram seus salários reais reduzidos. As grandes empresas oligopolistas têm transferido os prejuízos da retração na demanda aos consumidores, acelerando o aumento nos preços, como fica claro no quadro acima. Os trabalhadores e os setores competitivos vêm arcando com os prejuízos da recessão e da desaceleração nos seus salários e preços. Para que a política antiinflacionária seja mais eficaz e tenha custos sociais menores outras técnicas de controle da inflação devem ser utilizadas. Uma política seletiva de controle de preços e uma política justa de rendas, controlando particularmente os juros, é fundamental para controlar a inflação.

QUADRO I

| TENDÊNCIA DA TAXA DE INFLAÇÃO (Taxas Anualizadas) | | | | | |
|---|---------------------------|---------------------------|---------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 12 Meses até dez/80 | 12 Meses até dez/81 | 12 Meses até jul/81 | 6 Meses até jul/81 | 3 Meses até jul/81 |
| Índice Geral de Preços - D.I. | 108.55 | 95.2 | 110.50 | 105.06 | 84.69 |
| Índice de Custo de Vida | 86.34 | 100.5 | 108.45 | 107.20 | 102.02 |
| Índice de Construção Civil | 112.99 | 86.2 | 96.20 | 92.19 | 36.07 |
| Índice de Preços no atacado - O.G. | 118.62 | 90.5 | 108.17 | 97.73 | 80.87 |
| Produtos Agrícolas | 138.17 | 70.7 | 105.22 | 74.21 | 40.38 |
| Produtos Industriais | 110.26 | 99.7 | 108.82 | 108.57 | 101.74 |
| I.P.A. — INDÚSTRIA | | | | | |
| 1. (Setores Competitivos que apresentam uma nítida desaceleração inflacionária) | | | | | |
| Metalúrgica | 102.40 | 83.2 | 79.91 | 64.96 | 35.04 |
| Madeira | 157.50 | 21.6 | 65.66 | 26.08 | 11.32 |
| Mobiliário | 121.42 | 81.8 | 108.01 | 61.83 | 86.52 |
| Couros e Peles | 43.97 | 89.1 | 73.61 | 90.82 | 61.02 |
| Tecidos, Vestuário e Calçados | 101.84 | 68.8 | 76.24 | 56.17 | 57.91 |
| Produtos Alimentares | 85.60 | 96.9 | 92.03 | 80.17 | 64.32 |
| 2. (Setores Oligopolizados que apresentam aceleração e/ou altas taxas inflacionárias) | | | | | |
| Material Elétrico | 106.62 | 135.2 | 129.70 | 178.19 | 224.73 |
| Eletrodomésticos | 115.13 | 134.0 | 137.34 | 191.65 | 227.27 |
| Material de Transporte | 107.38 | 149.4 | 149.85 | 183.14 | 162.94 |
| Veículos a Motor | 107.53 | 148.0 | 146.72 | 176.22 | 157.65 |
| Papel e Papelão | 95.87 | 120.5 | 110.53 | 102.06 | 157.85 |
| Borracha | 136.29 | 166.5 | 140.29 | 146.77 | 158.99 |
| Química | 130.72 | 113.9 | 130.84 | 163.87 | 149.25 |
| Bebidas | 118.71 | 127.2 | 141.85 | 127.01 | 343.51 |
| Fumo | 65.39 | 183.0 | 156.28 | 287.73 | 301.00 |

FONTE. Conjuntura Econômica.